

A SIRB (Sociedade de Instrução e Recreio Barreirense) um balanço histórico nos 50 anos do 25 de abril – um espaço de cultura e liberdade

Fernando da Motta¹

Ao evocarmos o cinquentenário do dia 25 de abril de 1974, porque escolhemos a Sociedade de Instrução e Recreio Barreirense, quando existem muitas outras com pergaminhos na resistência ao fascismo?

Em primeiro lugar, pela sua antiguidade (fundada em 1870) e, em segundo lugar, pelo papel que desempenhou na criação de novas mentalidades, progressistas e humanitárias, baseadas na cultura e na educação. Por essa razão este artigo será dividido em duas partes essenciais: em primeiro lugar, na análise da vertente de “Recreio”, exarada na história da banda filarmónica da coletividade e, depois, num outro capítulo, focada na “Instrução” desenvolvida em torno da sua biblioteca. Ao longo do texto, pontuaremos a nossa investigação com as palavras dos “cronistas” barreirenses, vultos antigos ou contemporâneos, com um destaque especial ao fotógrafo Augusto Cabrita, quando comemoramos o centenário do seu nascimento (1923-2023).

A música: a filarmónica, os bailes e festas.

No Barreiro, quando nos referirmos à Sociedade de Instrução e Recreio Barreirense (SIRB), vulgo “os Penicheiros”, estamos a falar das origens do associativismo, na antiga vila. As raízes da atual coletividade remontam à Sociedade Filarmónica Barreirense, fundada em 1848. Nesse tempo, a pequena vila piscatória apenas podia sonhar, longinquamente, com o desenvolvimento industrial a que iria assistir passados poucos anos. Em termos de área administrativa o concelho do Barreiro era, à época, muitíssimo mais pequeno territorialmente do que é o atual: com cerca de quatro mil e quinhentos habitantes, o concelho ainda conservava as dimensões manuelinas, ou seja, não chegava às atuais freguesias do Lavradio e Santo André. A Sociedade Filarmónica Barreirense, à data da sua fundação era constituída pela elite

¹ Doutor em História pela Faculdade de Letras da Universidade do Porto e historiador da Câmara Municipal do Barreiro.

económica do Barreiro da época, composta por proprietários rurais e alguns donos de embarcações de pesca.

No entanto, dez anos depois da sua fundação, a Sociedade Filarmónica Barreirense «era já constituída na sua grande maioria por gente da classe média da terra» e dirigida por Luís dos Santos Sénior², proprietário agrícola.

São escassos os atos públicos conhecidos da sua Banda de Música, mas sabemos que «teve a honra de abrilhantar a receção», na então Vila, ao Rei D. Pedro V, à rainha D. Estefânia e à respetiva comitiva, quando da visita do monarca aos trabalhos de construção dos Caminhos de Ferro do Sul, no dia 2 de fevereiro de 1859 (Pais, 1963, 184); depois, em 1866, na entrega de prémios aos alunos da Escola Régia³; na abertura de uma aula noturna⁴ ou nos intervalos das récitas da Sociedade Dramática Barreirense⁵.

A vocação musical desta filarmónica estava em linha com as suas congéneres do período, onde a música marcial de cariz militar foi transportada, através dos seus regentes de banda, para a sociedade civil. Aparentemente, os primeiros músicos desta filarmónica não seriam, inicialmente, bem dirigidos pelo mestre de música (João Rodrigues Cordeiro) e a sua fraca qualidade musical, cedo, terá sido denunciada. Por essa razão, dois anos depois da sua criação, António Maria Bandeira, agora à frente de uma comissão administrativa da Sociedade efetuava uma escritura de contrato com o “prático de música” Timóteo Mathias Osternolhd, de origem alemã para ministrar aulas de música aos músicos da filarmónica. Segundo esta escritura, seria obrigado a vir ao Barreiro duas vezes em cada semana, aos domingos (de tarde) e quintas-feiras (de noite). O novo mestre de música receberia mensalmente, a quantia de 8:320 réis, sendo 7:200 réis de ordenado e 1:120 réis para despesas de transporte, “sendo mais a dita Comissão obrigada a dar-lhe cama e mesa, nas noites que ficar nesta vila, obrigando-se,

² Luís dos Santos Sénior, foi o primeiro filho do casamento de Luís dos Santos e de Ana Rosa, realizado em 18.1.1815. Nasceu no dia 2 de agosto de 1818 e faleceu a 14 de abril de 1893, após doença prolongada. No seu funeral estiveram presentes mais de 200 pessoas com tochas, formando duas alas: uma delas pela filarmónica da «Instrução e Recreio»; e a outra pela sua direção, que ofereceu uma coroa de perpétua saudade ao fundador da Sociedade e comprador de todos os instrumentos musicais da banda [O Século, 16.4.1893].

³ *Diário Popular*, de 6.11.1866

⁴ *Diário Popular*, de 20.11.1866

⁵ *Diário Popular*, de 25.11.1866

também ele, dito segundo nomeado, a não faltar aos dias já indicados e que só por falta imprevista o podia impedir”⁶.

O caminho de ferro veio proporcionar um crescimento imparável, quer ao nível económico, quer populacional da pequena localidade. De facto, logo na década de 50 desse século, os limites do concelho aumentavam à custa dos extintos concelhos de Alhos Vedros e Lavradio.

A “velhinha” Filarmónica foi vítima desse crescimento. Com a chegada de cada vez mais “forasteiros” ao Barreiro, os associados da coletividade foram crescendo, diversificando-se os interesses musicais, sociais, culturais e políticos dos sócios.

Esta antiga coletividade, assim como muitas outras em Portugal naquele período, eram locais de discussão e debate de ideais políticos e filosóficos, especialmente a partir da década de 1860, pouco tempo depois do arranque do espírito e compromisso da «Regeneração» portuguesa, altura em que se verifica a génese dos primeiros partidos políticos em Portugal e da ampla divulgação da respetiva propaganda eleitoral pelos periódicos, em moldes até muito semelhantes aos que hoje conhecemos. A Sociedade Filarmónica Barreirense não foi exceção. As sessões políticas sucediam-se na Rua Marquês de Pombal, onde tinha a sua sede, e as divisões e clivagens acabaram por se fazer sentir, especialmente no período de eleições municipais, altura em que os ânimos estavam ao rubro.

Esta tensão atingiu o seu clímax na direção de José Silvestre Júnior, em 4 de agosto de 1870, quando após acesa discussão com Luís dos Santos, aquele fechou a porta da coletividade e levou a chave. Com José Silvestre Júnior foram mais 33 associados, que reunidos na casa do então Delegado de Saúde do Barreiro (Dr. Miguel Cândido dos Santos) decidem criar outra coletividade, que passaria a denominar-se Sociedade Marcial Capricho Barreirense⁷.

Os restantes associados da Filarmónica que não acompanharam a cisão, em reunião realizada na casa de Luís dos Santos Júnior⁸, a 7 de agosto do mesmo ano, decidiam continuar a coletividade, mesmo sem sede, instrumentos e partituras. Mas, estes associados, não obstante terem ficado despojados de todos os instrumentos, não

⁶ Arquivo Distrital de Setúbal, Registos notariais, livro 10/62, fl. 15v, de 5.5.1850

⁷ Desde 1911, denominada Sociedade Democrática União Barreirense (SDUB).

⁸ Luís dos Santos Júnior era o filho mais velho de Luís dos Santos Sénior e de Romana Rosa.

desistiram, pois, passado pouco tempo (1871), dispunham de novos instrumentos e partituras adquiridas por Luís dos Santos Sénior⁹. O pai de Luís dos Santos Júnior foi um dos expropriados pelo Estado para a construção da primeira estação ferroviária do Barreiro. Foi daqueles que maior área foi obrigado a vender, num total de 1367 m², pelos quais recebeu 180 mil réis¹⁰. Apesar da expropriação, terá ficado consideravelmente mais rico (o que lhe permitiu, mais tarde, comprar do seu bolso todos os instrumentos da nova banda, saída da cisão de 1870).

Depois da cisão, a Sociedade Filarmónica instala a sua primeira sede no n.º 24 da Praça de Santa Cruz, após o encerramento da antiga na Rua Almirante Reis, n.º 31. Ali, em plena Praça da Vila, armava o seu coreto portátil, desmontável, em madeira «durante os meses de estio para ali tocarem algumas tardes dos domingos e dias santificados»¹¹.

A partir desse dia, a rivalidade entre as duas coletividades cresceu sobremaneira, em especial, nas eleições municipais de 1878, quando ambas as sociedades filarmónicas apoiaram candidatos políticos rivais. Foi também nessa altura que as alcunhas com que ambas as sociedades se insultavam, passaram a fazer parte intrínseca das respetivas identidades, ou seja, “franceses” para Sociedade Marcial Capricho e “penicheiros” para a Sociedade Filarmónica Barreirense. A origem das alcunhas é fácil de explicar à luz dos acontecimentos da época. Ambas tinham de início um sentido pejorativo e a primeira coletividade a denominar jocosamente a adversária (segundo Armando da Silva Pais) foi a Sociedade Filarmónica, alcunhando de “Franceses” os antigos sócios responsáveis pela cisão que tinham saído e levado a chave da sede, fazendo lembrar, por analogia, a guerra franco-prussiana de 1870, no decurso da qual alguns traidores franceses tinham permitido a entrada do exército invasor alemão no seu país. Quanto ao nome “penicheiros” na obra Armando da Silva Pais (Pais, 1963, 230), é-nos sugerido um relato, em primeira mão, de D. Ester Monjardim da Costa Figueira:

⁹ Depositadas no Arquivo musical da Sociedade de Instrução e Recreio (SIRB) existem partituras da década de 1870, adquiridas no seguimento da necessidade de obtenção de pautas musicais para os músicos. No entanto, a existência em arquivo de partituras de data anterior sugere que conseguiram recuperar as partituras da “velhinha”.

¹⁰ Arquivo Distrital de Setúbal, Cartório Notarial do Barreiro – escrituras de 14.9.1855 e 23.8.1860.

¹¹ CMB- Espaço Memória, Livro de Atas da Câmara Municipal do Barreiro, 1876.

Em um quente domingo de agosto, estando meu avô Luís da Costa em sua casa, no então largo do Rompana, ouviu grande vozeria e o tropel de um cavalo. Chegando à porta, deparou-se-lhe farto ajuntamento de povo amotinado e entre ele, a cavalo, o Conde de Peniche, com o seu chapéu de plumas.

Estava a dar-se um recontro entre Progressistas e Regeneradores. Meu avô, moço valente e figura de certa preponderância nessa época, saiu de casa em mangas de camisa e, de punhos cerrados, na pujança dos seus 33 anos, conseguiu separar os contentores, abrindo alas entre eles, serenando-os. Foi então, que deitando a mão esquerda às rédeas do espumante corcel, levantou o braço direito a toda a altura, gritando: - Viva o sr. Conde de Peniche! E vivam os Penicheiros! Debandados os contentores, o conde desceu da montada e, abraçando o meu avô, felicitou-o pela sua valentia e oportuna atitude, dizendo-lhe: - De ora em diante, a vossa sociedade terá, além do seu nome, o sobrenome de os Penicheiros!.

Nesta versão, teriam sido os próprios membros da Filarmónica a autodenominarem-se de Penicheiros, o que seria pouco provável, já que o objetivo das alcunhas era depreciar os adversários. Facto é que o Conde de Peniche, pouco tempo depois da separação dos sócios da Filarmónica em 1870, chega ao Governo pelo partido Regenerador, mas também ele “traiu” os seus camaradas ao passar no ano seguinte para o Partido Progressista e intentar um golpe de estado que falha e o obriga a fugir do país. Estará aí, porventura, a razão mais lógica da alcunha verberada pelos sócios cisionistas (“os Franceses”) aos seus rivais: para eles, os outros eram uns “vira-casacas”, “falsos” e “traidores”.

A partir de 1870 ambas as coletividades passam a assimilar as suas alcunhas com moderado orgulho e representam no Barreiro as duas principais correntes políticas oponentes da época: os “franceses” são regeneradores, enquanto os “penicheiros” são progressistas¹². Este tipo de cisões em filarmónicas não foi inédito nesse período. A

¹² O Partido Regenerador, o primeiro partido estruturado digno desse nome, conservador, tinha a sua base social constituída principalmente por grandes comerciantes, proprietários mais abastados e financeiros. Com uma boa máquina partidária, eficaz numa época em que era praticamente inexistente uma opinião pública esclarecida e onde o direito ao voto estava reduzido a um universo muito pequeno e manipulado por caciques, o Partido Regenerador manter-se-ia ativo praticamente até ao final da monarquia. O Partido Progressista, fundado apenas em 1876, por herança dos antigos Partidos Histórico e Reformista, constituía o polo mais à esquerda, englobando os descontentes e lutando contra o sistema, tinha o apoio da população pequeno-burguesa. Estes dois partidos do centro, entre 1878 e 1906, participaram no chamado “rotativismo”, onde, com pequenos hiatos, conseguiram manter a alternância

Sociedade Filarmónica União Seixalense, também designada por "Os Prussianos", fundada a 1 de junho de 1871, foi formada por músicos da Sociedade Timbre Seixalense, hoje inexistente, devido à intensa discussão que dividia a população entre os apoiantes do Partido Regenerador e os apoiantes do Partido Progressista. Os músicos, não querendo apoiar o partido dominante naquela coletividade, resolveram fundar outra rival e assim dar voz ao Partido Progressista, na União Seixalense. Mas, também em Silves, em 1870, ocorreu uma fratura, por razões igualmente políticas, tendo uma cisão na Filarmónica dos Fraldas (progressista) dado origem à Filarmónica dos Moleiros (regeneradores).

Depois de 1870 a Sociedade Filarmónica viveu momentos difíceis, com muitas crises associativas e só a grande dedicação e carinho dispensados por um punhado de sócios, permitiu a sua sobrevivência. Mas, logo nos primeiros meses de 1871, conseguiu efetuar a sua primeira saída, novamente nos espetáculos da Sociedade Dramática Barreirense (Freitas, 1946, 337).

A filarmónica da SIRB foi durante décadas um dos principais pilares da coletividade, o que documenta o facto de a génese do movimento associativo recreativo se ter forjado, indissociavelmente, nas filarmónicas.

Apesar de algumas dificuldades financeiras, traduzidas nas dívidas do fardamento da Banda ao alfaiate Joaquim Luís Pereira, ou ainda as dívidas ao «sócio António dos Santos pedindo para que lhe satisfaçam a conta do petróleo que a sociedade lhe deve»¹³, ao que se somavam aos atrasos no pagamento das rendas da casa, de tal modo que a existência da coletividade foi posta em causa. Assim, a 24 de maio de 1887, numa reunião da direção a que assistem 36 sócios, foi ventilada a hipótese de dissolução da Sociedade. Todavia, o desejo de prosseguir era mais forte. Constatando o «mau estado financeiro da Sociedade, que é bem pouco lisonjeiro», o Presidente João Maria de Abreu Moreira afirmava que era «preciso que a Sociedade existisse».

Esta necessidade da existência da Filarmónica Barreirense e mais tarde da SIRB, viveu durante décadas da rivalidade da sua congénere, Sociedade Marcial Capricho

do poder. Fora deste sistema estava o Partido Republicano Português e o Partido Socialista Português, com uma fraca expressão parlamentar e fora do arco do poder.

¹³ Arquivo SIRB, Livro de registo de despesa – Cota: SIRB/D/01/01/Lv.01 (1872 – 1878).

Barreirense “os Franceses” (mais tarde, Sociedade Democrática União Barreirense”). Mas, esta rivalidade teve alguns períodos de tréguas, em que ambas estiveram presentes, amigavelmente, como nos momentos mais marcantes da história do Barreiro, designadamente a inauguração da estação fluvial do Barreiro, em 1884, na visita de Sidónio Pais ao Barreiro, em 1918; ou durante revoltas militares, como em 1919, na sublevação monárquica, como é recordado por José António Marques no seu diário:

À noite ajuntaram-se as duas sociedades, Instrução e Democrática, esperar à estação dos Caminhos de Ferro do Sul e Sueste os presos políticos João Anacleto, Igreja e Claudino, acompanhadas de muitíssimo povo de todas as classes, havendo “massas” ao capitão do Posto (Marques, 2013, 59).

O mesmo sucedeu depois da vitória da República, sobre os revoltosos monárquicos, em 14 de fevereiro de 1919, como também recorda José António Marques no seu diário:

Tocou a buzina para sair o pessoal das Oficinas dos CFSS às 10,30; às 19,26 saíram e deram a volta à vila, as três sociedades, Liga de Instrução e Recreio da Companhia União fabril, Democrática e Instrução, com grandes manifestações à Pátria e República e falaram de uma das janelas da Associação dos Corticeiros, na Praça da República e nos Paços do Concelho, António Vaz, Miguel Correia e no Centro Estêvão Vasconcelos Anacleto Pai, Doutor Caroço e José Pedro Gomes (Marques, 2013, 66).

As duas coletividades também se reuniam nos eventos mais banais, como as festas dos Santos Populares, nos bailes, intervalos das peças de teatro ou nas sessões de cinema, como em 1919, quando, por ocasião de um espetáculo de uma companhia teatral de Setúbal, no Teatro Cine-Barreirense, tocaram na pequena orquestra do palco dois músicos “Franceses” e seis “Penicheiros” (Marques, 2013, 54). As relações acabariam por ficar oficialmente sanadas, depois das “pazes” entre as direções, em

1932¹⁴.

No período seguinte à implantação da República em Portugal, a SIRB com a sua filarmónica destacou-se entre as suas congéneres do concelho, e mesmo, a nível distrital. Esse fato deveu-se ao trabalho de maestros como Alfredo Reis Carvalho, entre 1918 e 1919, mas em particular, com o maestro Manuel Ribeiro.

Estes tempos de uma grande profusão de filarmónicas e músicos na vila industrial do Barreiro, é-nos lembrado por um dos cronistas operários do Barreiro dos anos '20, Jorge Teixeira:

As casas cantavam [...]. Recordava as dezenas de instrumentistas das suas cinco excelentes filarmónicas e grupos musicais, falados nas sociedades, cafés e tertúlias, que depois de um dia inteiro de labuta no escritório ou nas oficinas, animavam os serões tocando reportórios seletos. Dessas janelas abertas jorrara um luxo de música de clarinetes, cornetins, flautas, bandolins e violinos, magias de piano em mãos ocultas, um prodígio de solos de hábeis executantes. Centos de artistas, espalhados por essas ruas exercitavam-se soprando ou dedilhando os seus instrumentos em casa, nas horas livres, se não havia ensaio marcado na sociedade. Aproveitavam os minutos sobrantes das refeições, ou dos seus afazeres. A cada passo o transeunte forasteiro ouvia, surpreendido, os arabescos dum solo de flauta ou saxofone. A imensa obra de partitura a estrear pela filarmónica, era assim tocada antes do concerto, isoladamente, aos bocadinhos, no concheiro de muitos lares. As casas cantavam. Por esses trinados logo os sócios podiam anunciar a beleza das sinfonias. Nascia música nas ruas. Volta e meia, sob qualquer pretexto, as vistosas bandas marchavam e tocar "passo-doble" alegres, marchas, hinos vibrantes, ruas fora, com chusmas de cabeças às janelas, à frente uma onda frenética de moços a entoá-los e a apanhar canas de foguete, atrás um rio de gente ébria de felicidade, sócios da mesma agremiação, ferrenhos admiradores, amigos e camaradas dos músicos. A festa social transbordava para a rua. Carecia da sagração do povo, que em unísono se regozijava com a alegria dum aniversário de coletividade, a comemoração duma data histórica, da chegada de entidades eminentes ou efemérides concelhias (Teixeira, 1991, 63).

¹⁴ O convite pela direção da SDUB para a sua antiga rival estar presente na inauguração da sua nova sede foi o ramo de oliveira estendido para essas pazes que foram oficialmente decididas no dia 7 de setembro de 1932 (Freitas, 1946, 348).

A Banda dos Penicheiros foi protagonista de alguns episódios que merecem referência, como o que teve lugar no princípio da década de 1920, quando durante uma manifestação festiva dos operários da Construção Civil, no Barreiro, foi tocada pela primeira vez “A Internacional”, considerada o Hino dos Trabalhadores, saudando dessa forma as autoridades e todo o povo presente¹⁵. Para o historiador das bandas filarmónicas portuguesas, Pedro de Freitas (1946, 343) esta foi certamente a primeira vez que uma banda civil tocou tal hino em Portugal. Nova ocasião se sucederia em 1923, em Setúbal, durante as festas do 1.º de Maio promovidas pela Casa dos Pescadores, em que foi novamente tocado na abertura do concerto “A Internacional” (Freitas, 1946, 342).



Fig. 1 – Banda da Sociedade de Instrução e Recreio Barreirense, que executou “A Internacional”. Arquivo SIRB (1923).

¹⁵ Segundo Pedro de Freitas (1946, p. 342) esse desafio partiu de um dos elementos da banda, António Assunção Palhas, com uma parte da orquestração – o piano – a ser tocado pelo regente da banda, o maestro Alberto Reis de Carvalho.

Em dias festivos, as filarmónicas percorriam as ruas das vilas tocando, além da “A Internacional” e o “hino do 1.º de Maio”, músicas como o “hino do Dia da Árvore” ou depois de jogos de futebol trechos como “O Sport” ou “O Triunfo” (partituras que ainda hoje fazem parte do arquivo musical das coletividades barreirenses). Desses dias nos dá um relato na primeira pessoa outro dos cronistas do Barreiro do século XX, José António Marques (1900 – 1993), no seu diário: «1.1.1919 - Deram a volta à vila as Sociedades Instrução e Democrática a dar as boas festas e bailes à noite nas ditas sociedades» (Marques, 2013, 54).

As peças teatrais como “A Greve” ou “O Capital” eram frequentemente encenadas nos Penicheiros. Os fins a que se destinavam os espetáculos afastam-se gradualmente da beneficência e da caridade, aproximando-se mais da previdência e da solidariedade. Nestas iniciativas recreativas e culturais havia sempre um momento «político», em que os mais destacados dirigentes discursavam, sublinhando as vantagens do associativismo para a emancipação social e cultural do operariado (Pereira, 2012, 19).

Tudo mudaria para a Banda depois do 28 de maio de 1926.

A Banda suspendeu a sua atividade, oficialmente, em 11 de novembro de 1936, mas não reunia desde 1933. As razões do fim das bandas filarmónicas são conhecidas na tradição oral no Barreiro: a recusa em tocarem em atos organizados pela Ditadura ou que contassem com a presença de figuras do Estado Novo. É conhecida a decisão de 15 de janeiro de 1928, quando a direção da coletividade deliberou não incorporar a banda da Sociedade, numa visita dos Ministros da Instrução e Comércio, «em atenção a uma deliberação antiga desta banda, que não permite o incorporar-se em qualquer manifestação de carácter político»¹⁶; e pela determinação política do novo regime fascista de minimizar ou acabar com as manifestações musicais, artísticas e culturais na rua ou no espaço público¹⁷.

Para Bernardino Matias, presidente dos “Franceses”, em declarações feitas a seguir ao 25 de abril, a “gota de água” final para o regime foi a nova recusa das filarmónicas do Barreiro de tocarem durante a visita de Óscar Carmona e Salazar ao

¹⁶ Arquivo SIRB, Livro de atas da direção (1928). Cota SIRB/A/01/Lv.05 - 1927 - 1929

¹⁷ O mesmo sucedeu com o Fado. É por essa época que são instituídas as Casas de Fado e o registo obrigatório dos fadistas.

Barreiro, em 1933. Com seis ou sete músicos da filarmónica “francesa” presos, os outros em solidariedade, recusaram-se a tocar¹⁸. Em reunião da direção da SDUB a 17 de maio de 1933, os órgãos sociais desta coletividade, na resposta ao presidente da Câmara Municipal do Barreiro, declinavam o convite, alegando estar «a Banda em reorganização»¹⁹. A Administração do Concelho não deixou passar esta “ausência”: em junho desse ano, exigia o cumprimento de uma série de normas legais, entre as quais a obrigatoriedade de alvará para uso de farda – portaria n.º 2688 de 18 de março de 1921 – que teve por resposta da Direção da SDUB: «de futuro não sairá fardada»²⁰.

O historiador Armando da Silva Pais, considera estas recusas como a principal responsável pelo fim das bandas, já que, entre as bandas dos Penicheiros (e dos Franceses) e a Comissão Administrativa da Câmara Municipal do Barreiro, «começou a ser aberto o fosso por onde ambas as bandas se sumiriam, decorridos escassos três anos (Pais, 1968, 60). Esse «fosso» foi, porém, cavado sem titubeações pelo regime, através dos órgãos municipais, por exemplo, proibindo a utilização dos coretos públicos para espetáculos convencionais, quando não se mostravam alinhadas com o regime²¹.

A vertente de “Recreio” da coletividade tinha na Banda Filarmónica um dos seus principais bastiões, mas o fim dessa banda não implicou o fim da música na coletividade, já que nasceram novos agrupamentos com novas tendências musicais como o “Jazz”, animando bailes da Pinhata, diversas comemorações e dias festivos.

Como observou Carlos Bicas, numa intervenção feita na sessão de homenagem a Ferrer Trindade, por ocasião do Centenário do Nascimento do Maestro, levada a efeito no Barreiro, em 9 de novembro de 2017:

A rua materializa, por definição, o espaço urbano coletivo, sendo, por isso, património de todos e de ninguém. Pelo que, com o advento da cidadania e usufruindo os cidadãos do lazer que a vida árdua do emprego industrial proporcionava, logo que a redução do horário de trabalho foi sendo conquistada, a música saiu dos salões e dos recintos fechados para vir para a rua. O movimento filarmónico cumpriu na época esse desiderato. [...] Já sob o Estado Novo, o regresso das manifestações musicais de rua para

¹⁸ *Público*, 15.10.1994.

¹⁹ Arquivo da SDUB, Livro de Ata da Direção (1930-1934), ata de 17 de maio de 1933, pág. 58v.

²⁰ Arquivo da SDUB, Livro de Ata da Direção (1930-1934), ata de 17 de maio de 1933, pág. 62.

²¹ Arquivo SIRB, Correspondência recebida pela Sociedade de Instrução e Recreio Barreirense, anos 1930

o recinto fechado, [foram] acompanhando as transformações que, entretanto, se foram operando com a repressão política, o advento da rádio e, mais tarde da televisão, e com as próprias alterações de maturidade social, cultural e musical da população barreirense. [...] Os novos tempos foram em certa medida tempos de realização de funções vitais mais íntimas, numa época de grande rigor de normas éticas de comportamento, designadamente no namoro, na preparação para o casamento e na sociabilização de casais. Mas também tempos de diversão, nos memoráveis e animados bailes da Pinhata, do Carnaval e outros! (Bicas, 2017, 5).

Grandes nomes da música, como Ferrer Trindade, Moniz Trindade, Plínio Sérgio, Maria de Lurdes Resende, Fernando Lopes Graça, Dulce Cabrita e o seu irmão, o então desconhecido, Augusto Cabrita, assim como do espetáculo, Vasco Santana ou Camilo de Oliveira, entre muitos outros passaram pelo palco da SIRB.

Noutras ocasiões, a Coletividade cedia as suas instalações para atividades de outras instituições, como o Externato Barreirense, como foi o caso da Festa dos Estudantes de 13 de março de 1954, durante a qual foi apresentada a peça de teatro escrita pelo Professor José Joaquim Rita Seixas, “Não Fugas à Escola... Lição de História”, proibida pela PIDE e que obrigara o seu autor a prestar declarações na Rua António Maria Cardoso.

Na sua vertente teatral amadora contou com a de dedicação e participação ativa dos seus associados, a maioria deles, os antigos músicos da filarmónica que executavam pequenos números musicais. Para esse desenvolvimento cultural contribuiu o facto de o distrito de Setúbal ser, ao contrário de outras regiões do país, aquele com maior número de bandas dispendo de sedes, com palco, uma sala de bailes e bar (Sousa, 2016, 75). Foram das coletividades barreirenses que ensaiaram os primeiros passos no teatro grandes artistas nacionais, como Mário Pereira, Alina Vaz, Raquel Maria ou Jorge Cordeiro.

A Biblioteca

A música e o seu estudo, eram apenas uma das vertentes da Sociedade de Instrução e Recreio Barreirense (SIRB) no Barreiro. Tal como em diversas coletividades de Portugal, também na SIRB, a partir do final do século XIX se sente uma necessidade emergente de instruir e de proporcionar, através da educação das classes trabalhadores, valores marcadamente republicanos, que tinham entre os “penicheiros”, vários simpatizantes.

Visando alargar o seu âmbito, esta sociedade mudou a sua denominação de Sociedade Filarmónica Barreirense, para Sociedade de Instrução e Recreio Barreirense, em 24 de julho de 1891 (com estatutos aprovados em 4 de julho de 1893). Foi assim, que aproveitando a sua instalação numa nova sede com terreno próprio (no antigo Largo Casal), decide criar um curso de instrução primária, com aulas diurnas para crianças e noturnas para adultos, ambas pelo método de João de Deus, a cargo da Associação de Escolas Móveis (Pais, 1961, 220). Os primeiros exames dos alunos decorreram no dia 31 de julho de 1892, ao meio-dia, tendo no final do dia os familiares e sócios organizado um baile e um bazar²². A imprensa da capital não deixou passar esta notícia sem o elogio: «Não regatearemos louvores aos membros da direção, que tanto se têm esforçado por dar o maior desenvolvimento à instrução de que esta terra tanto carece²³». Por seu turno, no aniversário do primeiro ano da instalação das escolas móveis, no Barreiro (32 de julho de 1893), realizou-se uma sessão solene na sede da SIRB que contou com a presença de destacados elementos republicanos do Barreiro, como Ventura Eloy Fonseca Caeiro e José António Rodrigues. Nessa cerimónia participou com especial destaque Angelina Vidal²⁴ «talentosa oradora socialista» que dividiu o seu discurso entre a instrução e os elogios ao método de João de Deus, tendo recitado, igualmente, as poesias “A Noite do Espírito” e “A Bandeira do Regimento”²⁵.

²² Jornal *O Século*, 29.7.1892

²³ Jornal *O Século*, 29.7.1892

²⁴ Angelina Casimira do Carmo da Silva Vidal (11.3.1853-1.8.1917) foi uma das figuras mais importantes na luta pelos direitos dos mais pobres e na defesa dos direitos das mulheres. Trabalhou como jornalista, tradutora, professora, olissipógrafa e escritora, com destaque na poesia, tendo ganho dois prémios internacionais com os poemas “A Noite do Espírito”, em 1885 e “Ícaro”, em 1902.

²⁵ Jornal *O Século*, 6.8.1893

Como o próprio nome indicava, a sociedade passaria a dedicar especial atenção à instrução dos seus associados, razão pela qual a existência de uma biblioteca condigna se tornou urgente. As suas origens remontam a 10 de março de 1890, quando o associado António Salsa propôs que fosse criada uma Biblioteca «em vista do atraso intelectual de muitos sócios e desejando que a Sociedade desse, alguns passos na estrada do progresso»²⁶.

A deslocação da sede da SIRB, a partir de 1891, para o novo centro cívico do Barreiro, o Largo Casal (depois de 1922, Largo Gago Coutinho e Sacadura Cabral), onde estavam localizadas, muitíssimo perto, as sedes de clubes desportivos, cafés e, também, junto do cinema e sede do sindicato dos ferroviários e da cooperativa dos corticeiros, foi uma indicação do papel que a coletividade pretendia ter na sociedade barreirense.

Com a instalação da Companhia União Fabril no Barreiro em 1907, a vila de operários ferroviários e corticeiros, recebeu, adicionalmente, o operário químico industrial. A população da vila cresceu anualmente a um ritmo vigoroso (em 1900, o Barreiro tinha 7738 habitantes e em 1920 esse número cifrava-se em 15000) graças às instalações industriais da Companhia União Fabril. Podemos considerar os anos '20 no Barreiro, como os mais frutíferos em termos associativos no Barreiro. Como era essa vila, que se transformava, nas palavras do escritor Jorge Teixeira?

Essas ruas velhas empedradas à antiga, aqui portas em afundo no pavimento, acolá roupa estendida nas estreitas janelas carcomidas pelo tempo e beirais com penduros de erva [...]. Eram a compita dos jornais, o despique das filarmónicas, o clubismo ferrenho dos sócios, a febre dos grupos dramáticos, a emulação nos artefactos de artistas ignorados, quadros, telas, máquinas miniaturais, engenhocas para bailes de pinhata com pombinhos a voar nas salas, a multiplicidade de talentos e artesanatos, quase envergonhados, sem aula nem auditório, que os forasteiros admiravam e requeriam para exposições noutras localidades. As ruas em festa perante o desfile das suas bandas, os concertos nas sociedades e no coreto da Praça Luís de Camões [...]. Os discretos despiques destas festas da S.^a do Rosário, a massa dos sócios em redor dos coretos, a paixão, a alegria do povo²⁷.

²⁶ Arquivo SIRB, Livro de atas da direcção (1890). Cota SIRB/A/01/Lv.02

²⁷ Jornal do Barreiro, 29.4.1971

A vila era também um viveiro de atividade política complexa entre republicanos, socialistas e sindicalistas revolucionários, com apoiantes entre os corticeiros, ferroviários e operários fabris. A SIRB era o reflexo da sociedade barreirense de então, onde a dedicação dos sócios era fundamental para o seu funcionamento. De facto, são inúmeros os relatos de operários que saiam do seu emprego, sujos e cansados, mas que ainda tinham energias para oferecer o seu trabalho ou tempo livre em prol da sua coletividade. Lembremos as palavras de Jorge Teixeira sobre esse facto:

É preciso ter-se vivido o dinamismo destas horas antigas, para se avaliar tamanha força de alma, febre e paixão postas ao serviço da comunhão de sonhos, da arte e da cultura. Todas as modalidades educativas obtinham adeptos e prosélitos. A música, o baile, teatro foram as paixões. Operários, ferroviários, comerciantes, gente de trabalho, chefes de família, congregaram-se no amor da obra comum. Reduziram as suas horas de convívio familiar e de descanso, imolaram os seus interesses pessoais, prodigalizaram a dádiva generosíssima dos seus braços, durante muitos anos, sem desfalecimentos, para que na sua terra natal existissem edifícios associativos monumentais, filarmónicas, bibliotecas, fulcros de arte popular, centros de irradiação cultural, notabilíssimos, não apenas no Barreiro, mas no país e até ao estrangeiro. As suas bandas, bem apetrechadas, com numerosos e hábeis executantes, e sob a direção de excelentes maestros, foram as melhores do País (Teixeira, 1991, 44).

É no espaço das coletividades que a sociedade local convive. Os bailes recreativos e as festas sazonais, como o Carnaval, a Pinhata, a Páscoa, o Novo Ano são os locais de sociabilização de adultos e jovens, onde estes últimos, em particular, iniciam namoros e constituem as suas famílias, já que ao contrário de outros locais de convívio locais (como as tabernas) as coletividades permitiam a frequência e a participação das mulheres.

A década de 1920 corresponde ao período de maior crescimento do associativismo do Barreiro. Por essa razão, a direção da SIRB deliberava ampliar as suas instalações (de rés-do-chão) para um primeiro andar, destinado a salão de baile e outras atividades culturais. As obras decorreram entre 1922 e 1925, tendo sido solenemente inauguradas no dia 31 de janeiro de 1926²⁸ (Freitas, 1946, 343).

²⁸ As obras começaram depois da oferta do terreno e edifício à coletividade por Joaquim Miguel dos Santos (filho mais novo de Luís dos Santos Sénior).

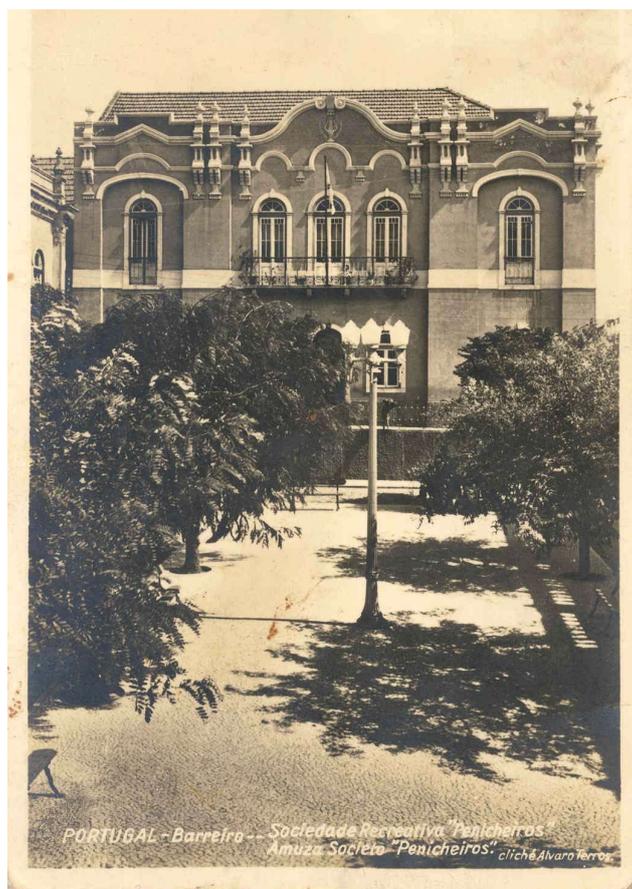


Fig. 2 – Sede da Sociedade de Instrução e Recreio Barreirense, num bilhete postal bilingue (português e esperanto). Fonte CMB – Espaço Memória (BPI-103 - Cx.01, SIRB Penicheiros - 1947)

Poucos meses depois, em 26 de março de 1926, numa grande sala no piso térreo da renovada sede, abria oficialmente a Biblioteca com 300 volumes.

Eram já muitas as personalidades ligadas aos vários partidos ou tendências políticas que frequentavam o local. Entre essas figuras destacava-se o sindicalista revolucionário Miguel Maria de Almeida Correia (30.4.1889-3.7.1940), presidente da Associação de Classe dos Ferroviários do Sul e Sueste, dirigente da Confederação Geral do Trabalho e redator do jornal “Sul e Sueste”, cuja sede se localiza ao lado do edifício sede dos Penicheiros.

A inauguração da renovada sede e biblioteca, em 1926, foi o resultado inevitável da obtenção de um espaço digno de cultura, convívio e instrução para os seus associados (e não só). Contudo, a sociedade barreirense não podia prever que a instabilidade

política da primeira República teria um fim com a instauração de uma Ditadura, poucos meses depois. A polícia política fazia o resto.

À semelhança do “Index Liborum Proibitorum” da Igreja católica na Idade Média, a PIDE, a partir de 1934, por via dos seus Serviços de Censura, desencadeia atividade censória, de intimidação e de repressão com o objetivo de tentar cercear o acesso a obras de autores portugueses e estrangeiros. A lista de obras confiscadas e proibidas era imensa. Nos Penicheiros, as rusgas da PIDE à sua biblioteca (que nunca fechou) eram periódicas, em busca de livros considerados “impróprios para leitura” pelo regime fascista. A direção da coletividade encontrou a solução: os livros procurados pela PIDE passariam a estar escondidos num esconderijo e apenas retirados para leitura por sócios de confiança²⁹.

Segundo o testemunho de António José da Costa³⁰ (filho do sindicalista Evaristo José da Costa), ele próprio um resistente antifascista, a sede dos Penicheiros era no tempo do seu pai um local de pensamento livre. Para ele, a sede dos Penicheiros foi a casa de muitos resistentes antifascistas «que lutaram por um dia, que se veio a chamar 25 de abril³¹». Para esses homens, muitos deles originários do Alentejo (como o seu pai, de Évora) escreveu um poema dedicado ao operário, ao associativismo e a Abril, que ainda hoje, com 91 anos, recita de memória:

O Alentejo fraterno e solidário
Plantou boas raízes no Barreiro
De camponês passou a operário
Tornou-se camarada/companheiro

Depois de sofrer sob o Sol forte escaldão
E de tanto explorado pelo agrário
Aqui ele encontrou trabalho e pão

²⁹ Estes livros chegariam ao 25 de abril de 1974, como por exemplo, uma rara edição de “O Capital” de Karl Marx de 1912, parte integrante da Biblioteca de Educação Nacional.

³⁰ Nascido em 13.3.1932, no Barreiro. Fez parte do MUD Juvenil a partir dos 17 anos. Preso em Caxias em 1954, onde casou com a sua mulher Rosete. Esteve presente no V Congresso do Partido Comunista Português de 1957 (clandestino). Em 1958 participou ativamente na candidatura de Humberto Delgado, tendo por esse motivo sido despedido da CUF (desenhador). Fonte: Segundo excerto de entrevista concedida a 14.10.2021.

³¹ Fonte: segundo excerto de entrevista concedida a 21.11.2023.

O Alentejo fraterno e solidário

Ficou e deu no duro labor
Com sentimento honrado e altaneiro
Criou tanta família com amor
Plantou boas raízes no Barreiro

Estudou e aprendeu a profissão
Foi do associativo voluntário
Do lar deu forte a imaginação
De camponês passou a operário

Lutou contra o tal regime vil
Foi julgado e esteve em cativo
É firme sustentáculo de abril
Tornou-se camarada/companheiro³²

Contudo, a poesia popular de António José da Costa, escrita em liberdade, não deixa esquecer a repressão de que foi alvo o operário barreirense. Esta repressão não impediu Narciso António Pereira (poeta e jornalista barreirense (1896-1964), contemporâneo e membro da plêiade de então jovens intelectuais locais, do qual faziam parte os jornalistas, poetas e escritores Jorge Teixeira, Alberto Tomé Vieira, João Azevedo do Carmo ou Jorge Soares, agrupados em torno do jornal local “Acção” pugnavam por um variado conjunto de melhoramentos locais, como saneamento, salubridade e eletricidade pública, além do aperfeiçoamento intelectual, cultural e cívico da vila³³. Num número especial dedicado ao 60.º aniversário da Sociedade de Instrução e Recreio Barreirense “os Penicheiros”³⁴, Narciso António Pereira, fez rasgados elogios à biblioteca dos Penicheiros, num artigo intitulado “Instrução”, do qual transcrevemos parte:

³² Fonte: segundo excerto de entrevista concedida a 21.11.2023.

³³ Como aconteceu, mais tarde, com a tentativa de criação de uma biblioteca municipal ou de um Museu Municipal com o espólio do jornalista Joaquim Madureira (1874-1954), conhecido pelo seu pseudónimo Braz Burity.

³⁴ *O Penicheiro*, 31.1.1930, p. 4

[...] A troca de \$50 durante 20 dias, pode uma família inteira apreciar a bondade de Júlio Diniz, o espírito de invenção de Júlio Verne, a arte e o realismo do Eça, o poder criador de Camilo, a violência de Fialho, a ternura de Victor Hugo e de Junqueiro, a elegância de Garrett, a leveza de Júlio Dantas, as revoltas de Gomes Leal, a prosa vernácula de Herculano, a poesia de Marcelino Mesquita, o lirismo de João de Deus, etc.

Concentro o meu espírito e vejo aquela menina com o seu exame de instrução primária, lendo, à noite, a Morgadinha dos Canaviais, A Família Inglesa, A Cidade e as Serras, Ao Ouvido de Madame X, a Dama das Camélias, o Grande Industrial, o Fumo do meu Cigarro, o Amor de Perdição, e outros livros simples e bons, instruindo-se, abrindo o seu cérebro, criando gosto pelas coisas belas, amando a arte, aprendendo a ser boa, indulgente, a perdoar e a compreender certas ações, a conhecer pela descrição lugares históricos, a amar outros que a sua imaginação vê cheios de flores e ilusões, a formar-se, enfim, como boa filha, esposa e mãe.

E aquele rapazinho que pode fugir à força da atração futebolística?

Devorou num instante o primeiro livro; quer outro e outro e chega a ler de fugida uma porção de autores. Não compreendeu ainda metade do que leu, mas manifesta já a sua tendência para esta ou aquela leitura.

É patriótico e como tal requisita a História de Portugal, de Pinheiro Chagas. São grandes os volumes, mas o seu entusiasmo pode bem com todo o trabalho daquele escritor. Folheia, lê, comenta e conta à família os feitos de maior valia.

Há um outro que tem ideias avançadas, e esse pede com entusiasmo a Mãe, e depois a Ressurreição; por fim acaba por ler as coleções inteiras daqueles que pretendem modificar radicalmente o atual estado político.

Há outro, que prefere o verso; então com entusiasmo, chega a ler de corrida “Os Lusíadas” e mesmo que, como é natural, pouco ficasse percebendo do que leu, acha soberbo e até é capaz de ler toda a pequena edição do nosso épico.

Há outros, a grande maioria, que leem sem espírito crítico, sem preferência por esta ou aquela escola, lendo por recreio, desprezando as teses, amando apenas a literatura, gostando tanto duma descrição de viagem como de um romance de amor, duma tese sindicalista, como de uma sinfonia ao sol.

Todos, porém, que leem, aprendem, sem esforço, o que nunca conheceriam por outro processo.

A Cultura, além de nos dar um dos maiores prazeres, o processo mais simples, mais barato, para a nossa educação e ilustração.

A facilidade de comunicarmos com os homens de todos os países, o conhecimento que um bom livro nos dá da vida dos povos, faz-nos formar uma ideia do que é o mundo e serve até muita vez para apreciarmos o nosso próprio valor moral, intelectual, profissional e artístico.

Disse em princípio destas minhas palavras que a Biblioteca da Sociedade I. R. Barreirense era uma das melhores coisas que o meio coletivo tem feito na minha terra. Confirmando isto mesmo ao terminar. São da minha opinião, decerto, os numerosos leitores que adquirindo uma ilustração embora reduzida, uma cultura geral mesmo pequena, possam, já, fazer um exame da sua consciência-trabalho mental ainda hoje muito difícil para a maioria dos indivíduos.

Um apontamento que não podemos deixar de referir diz respeito ao poema escrito por João Azevedo do Carmo, a pedido de uma das bibliotecas, dos Franceses ou Penicheiros, o próprio autor já não se recordava (Carmo, 2005, 200), no ano de 1944. O texto inicial destinava-se a ser um conselho aos leitores da biblioteca, para ser colado nos versos dos livros. Certo é que ambas as coletividades acabaram por colocar o seguinte poema nos seus livros:

Vai falar o Livro.

Leitor:

Prova que és civilizado
Tratando-me com cuidado.

Jovem, criança, pai, mãe:
Faço bem – trata-me bem.

Põe um papel a forrar-me,
Não vá a mesa sujar-me

Não me abras de mais. Faz mal
À minha espinha dorsal

Se espirrares ou tossires

É favor não me atingires.

Folheia-me a seco.... Prime.

O dedo à boca é crime.

Que a tua mão ao fechar-me,
Tenha cuidado em guardar-me...

Findaste a leitura? Então
Não me retenhas em vão...

Não pertenço a ti somente,
Sou livro de muita gente...

Esta vertente cultural da SIRB, aplicava-se também à arte e às suas várias expressões e remontava já à década de 1930, com a exposição de trabalhos em cortiça de Jorge Sobral ou quando no seu salão apresentou uma exposição de fotografia artística dos fotógrafos João e Artur Resende, enquanto exibia pela primeira vez ao público a obra de pintura e desenho do jovem Américo Marinho.

Anos mais tarde, a 2 de agosto de 1953, organizava a “I Grande Exposição de Arte por Amadores” na qual participaram na arte da pintura o eng.º Victor Chagas dos Santos, Belmiro Ferreira, José de Oliveira Raposo, José Cândido, Cândido Lopes (discípulo de Américo Marinho) e na xilogravura Hernâni Lopes e Manuel Cabanas. De facto, esta exposição foi também a primeira onde se apresentaram ao público barreirense, pela primeira vez, as gravuras em madeira de Rafael Idézio Maria Pimenta, surdo-mudo (1850-1931), notável xilogravador que trabalhou nas oficinas do famoso Pastor.

A Biblioteca constituiria um importante polo de dinamização da coletividade , promovendo conferências e palestras, sendo de referir: em 22 de março de 1951, o professor Luciano Silva, em colaboração com o Núcleo Naturista do Barreiro, proferiu uma conferência sobre “A Dignidade da Pessoa Humana”; por ocasião da 1.ª exposição filatélica do distrito de Setúbal, levada a efeito em outubro de 1958, foi proferida na coletividade uma conferência sobre filatelia; o Dr. Sérgio Ribeiro foi orador convidado numa conferência subordinada ao título “Relações Económicas e Relações Sociais”,

levada a efeito em maio de 1965; Cabral Rocha, em Setembro de 1968, dissertou sobre o valor e ação das coletividades de recreio como “Centros de Cultura Popular”.

Foi precisamente esta vertente cultural da SIRB que, a partir do final da década de 30 do século passado, desempenhou um papel fundamental na oposição ao regime ditatorial de Salazar, através de palestras, colóquios, ações de propaganda da Oposição de apoio às candidaturas à Presidência da República de Norton de Matos, em 1949, e Humberto Delgado, em 1958, ou, já em finais dos anos 60, de apoio à CDE.

Associado a este dinamismo não podemos deixar de realçar o importante papel dinamizador de um dos elementos da Comissão da Biblioteca da SIRB, Raul Malacão.

Entre as figuras de relevo da nossa cultura que estiveram presentes nos “Ciclos Culturais e Recreativos” dos Penicheiros destacamos, Agostinho da Silva, Irene Lisboa, Virgílio Ferreira, Lopes Graça, Modesto Navarro, entre muitos outros, enquanto paralelamente, eram ministrados cursos de matemática, desenho, história, inglês e de outras disciplinas.

Um dos pontos altos da vida da Biblioteca da SIRB deu-se em 24 de janeiro de 1965, numa sessão de cultura na SIRB inserido nas comemorações dos 40 anos da sua Biblioteca, com a presença de Ferreira de Castro como orador convidado. Esta sessão também contou com a presença de Assis Esperança que acompanhou Ferreira de Castro na sua visita ao Barreiro³⁵.

³⁵ Assis Esperança conhecia bem o Barreiro devido às suas deslocações à vila industrial em serviço da Singer, sendo, nas suas frequentes visitas ao Barreiro, assíduo frequentador da barbearia de António Horta Rodrigues, no “Pátio dos Bichos” ao lado da loja de máquinas de costura.
Fonte: <http://www.vinculadosaobarreiro.com/14horta/main.html>



Fig. 3 – Ferreira de Castro (atrás de Assis Esperança, com um cigarro na mão e por detrás deste Francisco Inácio da Costa, dirigente da grande greve de 1943, no Barreiro, então, nos anos 40 membro clandestino do Partido Comunista Português, com o pseudónimo de “Raio X”) no 40º aniversário da biblioteca da SIRB, em 24 de janeiro de 1965. Fonte: Raul Malacção.

Nessa sessão cultural, Ferreira de Castro fora convidado a participar no colóquio intitulado “A Literatura e o Homem”, tendo proferido nessa ocasião as seguintes palavras:

Desde que houve um homem anónimo, que criticou todo o esforço empreendido por 100 mil escravos do Egipto, para a construção, há 4600 anos das pirâmides, como um trabalho verdadeiramente desumano, que a literatura social se iniciou.

Desde então a literatura e o homem andaram de par em par. E mais cada vez mais, até na Revolução Francesa, essa literatura intervencionista não deixou um só momento de unir os intelectuais e o povo. Evidentemente que não negava o papel de outra literatura, mais formal, mais estética, mas para ele como homem, como escritor, a literatura social, «a literatura em primeira pessoa», como a designa, seria sempre a de mais importância. Infelizmente o nosso povo não se dedica muito a esse género, como o devia fazer. Procura, sim, a literatura de evasão, já que a literatura social obriga a raciocinar, o que

o homem de hoje nem sempre quer fazer.... o que parece um paradoxo, se atentarmos que o género que devia ler trata os problemas da sua emancipação como Homem e não, como ser explorado ao serviço de outrem. No debate que se seguiu com o público, um seu muito admirador, e de humilde condição, exprimiu toda a importância da literatura de Ferreira de Castro, de Aquilino Ribeiro ou de Miguel Torga na sua educação cultural autodidata. Pela sinceridade da sua exposição, muito simples, muito honesta, Calvino, assim se chamava o interlocutor, emocionou toda a assistência e o escritor, que manifestou a sua esperança no povo que se educa a si próprio pela literatura social, como ali estava um exemplo vivo. Não sejamos, pois, pessimistas, acrescentou. Finalmente o escritor encerrou o colóquio manifestando a sua esperança no mundo de amanhã. Disse: caminhamos para uma sociedade menos injusta, menos miserável, menos opressora, e muito mais fraterna.³⁶

Foi também através da Biblioteca da SIRB que foram criadas a partir da década de 1950, sessões de projeção de cinema temático, algumas delas patrocinadas por embaixadas estrangeiras, como a dos Estados Unidos da América, em outubro de 1952 ou a do Japão, em maio de 1965, sessões estas, que a Censura não compreendia o verdadeiro alcance, como é ilustrativo um ciclo de cinema, levado a efeito em 1966, intitulado “Saúde e Problemas Sociais”.

A capacidade de dinamismo e política dos corpos dirigentes da direção e da Biblioteca da SIRB foi demonstrada várias vezes à medida que nos aproximávamos do final da década de 1960. Em 1968, promoveram, ao nível distrital, a criação da comissão organizadora do 1.º Encontro das Coletividades de Cultura e Recreio do Distrito de Setúbal³⁷. Com representantes de Alcochete, Almada, Palmela, Pinhal Novo e Setúbal, o concelho do Barreiro foi representado unicamente no Encontro pela SIRB.

Um dos grandes momentos da vida das coletividades centenárias da vila do Barreiro teve o seu início no dia 10 de janeiro de 1970, com a inauguração do ciclo de comemorações conjuntas do primeiro centenário dos Franceses e Penicheiros, na sede destes últimos. Nesse dia, pelas 21.30, os presentes aguardaram pela presença «ainda que um pouco demorada» do Governador Civil de Setúbal, José Cardoso Ferreira,

³⁶ *Jornal do Barreiro*, de 11.2.1965

³⁷ *Jornal do Barreiro*, de 16.5.1968

também Presidente da Comissão de Honra das Comemorações³⁸. Os membros da Comissão³⁹ estavam ali reunidos para assistirem a uma palestra sobre as origens das duas coletividades, cujo orador era o «jornalista e publicista barreirense Armando da Silva Pais, autor de uma monografia do Barreiro». Logo após a palestra, foi efetuada uma visita pelos presentes a uma exposição retrospectiva da vida dos Penicheiros a partir da «vasta e profusa coleção do associado José António Marques, colecionador emérito de tudo quanto respeita ao Barreiro e ao seu concelho». Após visitada a exposição, foi oferecido aos convidados um copo-de-água, durante o qual, tanto o Governador Civil como o presidente da Câmara Municipal do Barreiro, Carlos França, fizeram votos para que a extinta filarmónica da coletividade pudesse ser recriada, isto na presença de alguns dos antigos membros da banda. É este o momento que observamos na imagem seguinte.

Em entrevista concedida à Divisão da Cultura, da Câmara Municipal do Barreiro em 2001, o escritor barreirense João Liberal recordava da seguinte forma as bibliotecas das coletividades:

Todas elas tinham grandes atividades. Para já tinham todas bibliotecas, que eram frequentadas. Hoje está tudo fechado. As pessoas sentam-se a ver televisão e não querem mais nada. Aqui um parêntesis, as bibliotecas tiveram tanta influência nas pessoas que aprendiam a ler e a escrever lá. Eram muitas pessoas! E qualquer pessoa que até nem tivesse andado na escola e aprendesse nas bibliotecas, ela conhecia os melhores autores da Europa! E liam, levavam para casa, ou liam lá com a família e tudo isso. A minha família também chegou a trazer livros para casa. Falavam de grandes escritores do mundo: VÍTOR HUGO... sabiam falar sobre eles, e sabiam dar discurso sem terem andado na escola. Eu até tinha na esquina da minha rua um sapateiro que era um filósofo! Ele depois até foi para a guerra de Espanha. Ele era todo revolucionário! Depois, nunca mais o vimos. Há aí alguns que foram e estão cá. Voltaram depois de aquilo tudo acabar. Também eram revolucionários. E esse sapateiro, a gente ouvia-o falar dos problemas sociais de isto e daquilo, porque lia aqueles livros que até estavam proibidos

³⁸ *Jornal do Barreiro*, de 22.1.1970

³⁹ Faziam parte da Direção das Comissões, Ezequiel Cavaco pelos Franceses e Manuel Joaquim Vaz pelos Penicheiros. A imprensa estava representada por Carlos Charneca, redator do Jornal de Notícias de Lourenço Marques, Manuel dos Santos Cabanas, correspondente do Diário de Lisboa e Alfredo Zarcos pelo Jornal do Barreiro (fonte: *Jornal do Barreiro*, 1.1.1970, pág.1).

na altura. Até havia apreensões de livros... E havia livros que não figuravam lá nas estantes, estavam escondidos em outros sítios! Esses livros as pessoas traziam para casa, emprestavam e ficava lá o nome. Eles sabiam falar daquilo tudo! Problemas sociais, os direitos todos das pessoas... Esse sapateiro era formidável!... e, depois, falava bem, tinha bom timbre de voz, tinha tudo! Era o SEVERINO.

Também o fotógrafo e cineasta Augusto Cabrita, natural do Barreiro, viveu bem de perto com esta coletividade e nas cercanias da sua sede, a «magia» particular do que era então, na Vila do Barreiro, «o centro do mundo». Fazemos aqui, também, a homenagem a este vulto barreirense e nacional, quando em 2023 se comemorou o centenário do seu nascimento. Era desta forma que Augusto Cabrita recordava os Penicheiros:

AQUELA SALA MÁGICA

Lembro-me: a sala estava cheia.

Um par tinha aberto o baile e enlaçava-se ao som da "Fascinação - aquela valsa romântica da época...

Lá em baixo, no largo, duas silhuetas recortavam-se na luz pálida da "CHIC", num outro bailado, em redor de uma mesa de bilhar...

O Senhor Romão havia apagado as últimas luzes da sede do Barreirense e, no prédio da direita, o Senhor Ferreira dava a terceira prova num fato impecável em bom "cheviote inglês...

O largo enchia-se agora de vultos da noite, que regressavam da 2.^a sessão do Teatro-Cine.

Era vivo aquele largo naquele tempo...

Era o centro do Barreiro, aquele largo...

Todas estas cenas se passaram há muitas anos.

Decerto que os meus velhos amigos barreirenses já localizaram o "décor" cinematográfico desta sequência...

É isso: o Largo do Casal no princípio dos anos trinta!

A minha câmara imaginária instalei-a eu, num apelo à memória, mesmo na varanda do 1º andar dos Penicheiros, dominando, num "ângulo picado", estas cenas de rua.

Venham comigo. É só olhar: ao lado esquerdo a antiga sede do Barreirense a ocupar todo

o 1º andar de um lindo prédio secular com balaústres cerâmicos (hoje, um consultório médico), com um rés-do-chão onde a alacridade predomina: o simpático e acolhedor "Casalense".

No nosso eixo de visão: o edifício da antiga "CHIC" (hoje, um bar branco de portas quadriculadas) ladeado pelos azulejos verdes (semidestruídos) do 1º andar do Senhor Alfredo Figueiras (que veio de Silves para casar...Barreiro inteiro!) e por um expressivo e delicado 1º andar pombalino - em boa hora restaurado.

Do lado, direito, em esquina com a Rua Aguiar, o vermelhão pombalino da antiga família Casal e a Alfaiataria do meu querido e saudoso amigo senhor Ferreira, que me fez os mais bonitos fatos da minha vida (hoje, o cineclube).

E se quisermos recuar a minha câmara imaginária (que também é vossa, na memória) entramos, agora sim, dentro daquele "décor" com que abri este texto:

A sala estava cheia. Um par tinha aberto o baile e enlaçava-se ao som da "Fascinação" – aquela valsa romântica da época...

E é a partir deste lugar fascinante da minha infância, que eu vou tentar recordar "coisas" dos Penicheiros.

Aquela sala sempre exerceu em mim um efeito mágico: foi lá que ensaiei, ao piano, os meus primeiros devaneios rítmicos em público.

Corria o ano de 1930.

Acompanhava-me, na bateria, o meu querido José Clímaco. Meu pai deliciava-se a ouvir-me.

Tinha 7 anos naquela altura...

Faz para o ano...60 anos! - que toquei em público nos Penicheiros.

Ainda sinto o saltitar "Jazz bandístico" das baquetas do Zé Clímaco...

Alternava, no entanto, estes meus "concertos" (?) de menino, com os do "22" também, com os de uma outra Sociedade muito querida: a dos Franceses

Recordo o "Som" das duas bandas que foram o orgulho do Barreiro!

Naquele tempo, o timbre – a "cor" do som das nossas duas filarmónicas provocavam-me uma sensação estranha: era mais redondo, para mim, o som dos Franceses e mais metálico o dos Penicheiros...

Coisa estranha esta, a do meu ouvido de criança "sentir" a diferença tímbrica das duas bandas!...

"Redondo" porquê? - o timbre dos Franceses?

A resposta poderá ser esta: talvez porque o meu avô materno, João António do Carmo, no último quartel do século XIX tivesse sido músico dos Franceses...e daí, por influência maternal, eu sentisse mais doce e "redondo" o timbre dos franceses...

"Metálico" porquê? - o timbre dos Penicheiros?

Talvez por oposição ao som "redondo" que eu recebia dos Franceses.

Mas o caso é que, também, naquela altura, as pessoas crescidas (e entendidas) discutiam muito a personalidade das duas magníficas bandas, pela cor do som que elas emitiam

Ambas belas. Mas diferentes.

E ainda bem que assim era: não havia a standardização eletrónica consumista da música de hoje!...

[...] Estou a vê-la cheia de Gente do Barreiro, extraordinariamente limpa nos seus fatos, quando ainda, há poucas horas, a ganga azul que vestiam era um mar de nódoas de óleo e de ferrugem...

O operário do Barreiro teve sempre o culto de ser limpo: no seu porte e no seu mundo interior

E aquela biblioteca?

Que silêncio...

Os livros alinhavam-se em estantes de um castanho-escuro envernizado.

Havia uma ânsia de cultura no Operário do Barreiro naquele tempo.

E se lhes era dificultado o acesso a um curso, por razões que todos conhecemos, o operário barreirense aprendia nas bibliotecas a viajar no sonho...

Até que um dia, esse ato de sonhar lhes foi vedado. Nos fins dos anos trinta vários títulos deixaram de figurar naqueles belas estantes reluzentes...

Foram escondidos nem lugar secreto numa parede dos Penicheiros, exatamente como os cristãos perseguidos mergulhavam no escuro das catacumbas de Roma.

Passaram-se anos. Precisamente: 34!

A libertação veio numa madrugada de abril e, com ela, a respiração daqueles livros, tantos anos mergulhados no escuro...

Foram-me chamar à pressa, para filmar acontecimento para a televisão.

E, perante o meu espanto, numa das paredes daquela SALA MÁGIA a golpes de picareta e machado, um enorme buraco foi aberto.

E sempre por "magia", numa cena digna de Fellini, começaram a sair os livros proibidos.

Filmei-os brevemente, num "travelling" imenso, inacabado...

Eis alguns nomes e alguns títulos: Marx, Gorky, Zola...mas também: "A Questão Sexual" de Egas Moniz e as "Palavras Cínicas", de Albino Forjaz de Sampaio.

Sem comentários.

E agora, pela "magia" da televisão, e já sem a "ajuda" daquela antecipação eletrónica do "Quadro Elétrico" de 1930, todo o País pôde assistir, irradiada daquela SALA MÁGICA, à Grande Festa da Liberdade!

Augusto Cabrita, julho 1989

A população, organizada nas suas associações, conseguiu resistir a este período de falta de liberdade e democracia. Muitos homens e mulheres tiveram na banda de música, no grupo de teatro, na biblioteca, no desporto, nas salas de convívio, a sua escola cívica e de cidadania, e com a conquista da liberdade, muitos ocuparam funções públicas de relevo na sociedade democrática instituída pelo 25 de Abril de 1974.



Fig. 4 - Festejos do 1.º de maio de 1974 pelos sócios da SIRB. Fonte: arquivo SIRB.

Foi precisamente da varanda da sede da SIRB, que no dia 26 de abril de 1974, pelas 21.30⁴⁰ foram efetuados os primeiros discursos pela Revolução dos Cravos, por elementos do CDE local, como Hélder Madeira e Alfredo Matos, «que saudaram os

⁴⁰ *A Capital*, de 27 de abril de 1974

soldados que libertaram a Pátria» e «fizeram votos para que todos os presos políticos sejam libertados o mais breve possível e para que o povo português usufrua, finalmente, de um nível de vida suficiente para ser feliz⁴¹». Depois, os milhares de pessoas presentes, cantaram o Hino Nacional e dando vivas à Liberdade e a Portugal⁴², enquanto era hasteada a bandeira nacional na sede da SIRB⁴³. De frente da sede da SIRB, largo Gago Coutinho e Sacadura Cabral, partiu depois, a primeira manifestação popular em liberdade em direção aos arredores da vila e Baixa da Banheira⁴⁴.

No dia seguinte, 28 de abril, realizou-se uma grandiosa manifestação popular em frente da estátua do industrial Alfredo da Silva, com a presença de inúmeros democratas, como Manuel dos Santos Cabanas. No final desse dia, centenas de pessoas voltaram a reunir-se, desta vez no salão da SIRB para manifestarem o seu apoio à Junta de Salvação Nacional⁴⁵.

Conclusão

Através deste texto procurámos apresentar o papel de uma coletividade do Barreiro – quando podíamos ter escolhido outras – no enriquecimento cultural e intelectual de uma comunidade e, em última análise, contribuiu para o 25 de abril de 1974, que este ano comemora o 50º aniversário.

Desde a sua génese, a Sociedade de Instrução e Recreio Barreirense (ainda como Filarmónica Barreirense) teve a perfeita noção do seu papel como meio vinculador de cultura, divulgação do conhecimento e pilar de ideais progressistas, revolucionários ou vanguardistas. A sua sede foi «sala de reuniões» de toda esta plêiade de operários fabris, ferroviários, corticeiros, como depois, de bancários, empregados de escritório ou estudantes universitários.

Durante os anos negros da ditadura, a sua filarmónica não resistiu à perseguição do regime fascista a este tipo de «entretenimento de rua». As pessoas queriam-se

⁴¹ *O Século*, de 27 de abril de 1974.

⁴² *Diário de Notícias*, de 27 de abril de 1974.

⁴³ *A Capital*, 27 de abril de 1974.

⁴⁴ *O Primeiro de Janeiro*, 28 de abril de 1974.

⁴⁵ *A Capital*, 27 de abril de 1974.

recatadas e em casa. Mas, também a isso sobreviveu o movimento associativo, com a dinamização cultural das suas bibliotecas públicas (e clandestinas), a alimentarem o pensamento de novas gerações. De facto, como refere João Carlos Oliveira (2003, 42) faltavam espaços de lazer no Barreiro industrial e operário, pelo que as sedes das coletividades cumpriam esse papel. Nesse sentido, encetaram esforços de renovar e ampliar as suas sedes, tornando-as espaços adequados para a confraternização, convívio, festas ou outras atividades de carácter cultural ou desportivo.

Depois do 25 de Abril de 1974 registou-se um enorme crescimento do movimento associativo, já que cerca de metade das associações que hoje temos em Portugal surgiram depois dessa data. Com a conquista da liberdade, as coletividades mais «clássicas» diversificaram em muito as suas atividades e, por outro lado, emergiram ou reforçaram-se outros tipos de associativismo: de defesa (património, consumidores, apoio à vítima, etc.); comissões de moradores; juvenil e estudantes; ambiente e ecologia; de pais e da família, pessoa com deficiência; e mais tarde, na década de oitenta do século XX, as IPSS (Instituições Particulares de Solidariedade Social) (Martins, 2004, 1). Muitas outras coletividades transformaram-se em prestadoras de serviços, sobretudo com outras utilizações para os seus ginásios: ginástica, desporto, creches, centros de dia, etc.

No entanto, apesar dos novos usos para as coletividades, a SIRB, assim como outras do Barreiro, atravessam um momento de crise, com algumas delas a encerrarem definitivamente⁴⁶. As coletividades do Barreiro viram diminuir os seus associados, em resultado de um conjunto de processos, como a desindustrialização do concelho; o decréscimo da população, que se refletiu igualmente na população ativa; a proliferação e aumento de poder dos meios de comunicação social; e, obviamente, a uma maior diversificação das ofertas recreativas e culturais.

Em resultado da massificação da Escola e do aumento da escolaridade, os jovens começam a conviver desde muito novos, quando antigamente só o faziam, em grande parte, no seio das coletividades. Por essa razão, os novos desafios que se colocam à SIRB e às restantes associações recreativas, culturais e desportivas do Barreiro, passam pela sua descoberta pelas novas gerações de barreirenses, e pela adaptação às novas formas

⁴⁶ Como a Associação Desportiva e Cultural «O Praiense» ou o Grupo Chinquilha Moderno 1º de Janeiro Barreirenses.

de associativismo do século XXI. No caso da Sociedade de Instrução e Recreio Barreirense, que tal interesse proporcione mais 150 anos de história a esta terra.

Bibliografia

Bicas, Carlos, “O Homem produto do meio onde viu a luz e viveu o seu tempo...”, Comunicação sobre o movimento associativo e as colectividades no Barreiro e sua envolvente social, cultural e política, no centenário do nascimento do Maestro Ferrer Trindade, Barreiro, 2017.

Freitas, Pedro de, *História da Música Popular em Portugal*. Lisboa, Custódio Cardoso Pereira & Ca, 1946.

Marques, José António Marques, *Barreiro 1920. Diário de José António Marques*. Notas e transcrição por Rosalina Carmona. Barreiro, ed. CMB/Freguesia do Barreiro/Freguesia de Santo André, Belgráfica, 2013.

Martins, Artur, “O Movimento associativo popular e a democracia”. *Atas do 1º Congresso Democracia Portuguesa*. Lisboa, Associação 25 de Abril, 2004.

Morais, Jorge, *Cabanas entre os seus*. Barreiro, ed. Câmara Municipal do Barreiro, Vultos da Nossa Terra, 2023.

Motta, Fernando da, *Guia Documental do arquivo da Sociedade de Instrução e Recreio Barreirense “os Penicheiros”*, Barreiro, ed. Câmara Municipal do Barreiro, 2013.

Oliveira, João Carlos, “Barreiro, meados do século passado”, *Mestre Manuel Cabanas*, Lisboa, ed. Biblioteca Museu República e Resistência, 2003.

Pais, Armando da Silva, *O Barreiro Antigo e Moderno – as outras terras do concelho, Barreiro*, ed. Câmara Municipal do Barreiro, I vol., 1963.

Pais, Armando da Silva, *O Barreiro Contemporâneo – a grande e progressiva vila industrial*, Barreiro, ed. Câmara Municipal do Barreiro, II vol., 1968.

Pereira, Joana Dias. “O mundo urbano do trabalho no alvorecer da industrialização: o caso da Península de Setúbal»” *Revista Convergência, Movimentos Sociais, Direitos e Sociedade*, Lisboa, n.º 1, 2012, p. 1-20.

Pimenta, José Augusto, *Memória Histórica e Descritiva da Villa do Barreiro*. Lisboa, Typ. do Dicionario Universal Portuguez, 1886.

Sousa, Pedro Marquês de, *As bandas filarmónicas no distrito de Setúbal. Origem e evolução da sua atividade*, Setúbal, ed. Federação da Coletividades do Distrito de Setúbal, 2016.

Teixeira, Jorge. 1993. *O Barreiro que eu vi*. Barreiro, Biblioteca Municipal do Barreiro, ed. CMB.